

O TEMA DROGAS NO ENSINO MÉDIO: UMA EXPERIÊNCIA DE SITUAÇÃO DE ESTUDO NO CONTEXTO DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

Agustina R. Echeverría^{1*} (PQ), Leidiane de S. Marinho¹ (IC), Ludmilla de S. Mesquita¹ (IC), Maria Eduarda de S. Melo¹ (IC), Matheus C. Gontijo¹ (IC), Patricia da C. Souza¹ (IC).
echeverria.ufg@gmail.com

¹Universidade Federal de Goiás. Instituto de Química.

Palavras-Chave: Situação de Estudo, PIBID, Drogas.

RESUMO:

O presente trabalho relata uma experiência de idealização, realização e implementação, numa escola pública da cidade de Goiânia, de uma Situação de Estudo (SE) desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). O tema tratado - DROGAS – foi abordado nos seus aspectos histórico, social, químico e da legislação. Participaram 9 bolsistas, a professora supervisora da escola parceira e a professora coordenadora do IQ/UFG. Entre as conclusões mais importantes às quais o grupo chegou no final do processo podem-se citar: a importância que a pesquisa tem na formação inicial de professores, as dificuldades de escrever, de trabalhar em equipe e na tentativa de superação da forma fragmentada e linear de abordar os conteúdos científicos em sala de aula. A experiência mostrou, também, que essas dificuldades são, em parte, resultado de uma concepção de formação de professores na qual ainda persistem ideias simplistas sobre essa formação.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A forma fragmentada e linear com que os conteúdos científicos são tratados em sala de aula, seguindo a linha de abordagem dos livros didáticos em maior uso, é característica dos programas de ensino e dos modelos de formação de professores. Os conteúdos acabam sendo deficientes em sentidos e significados para os alunos, causando antipatia e estranheza com os mesmos, sendo padronizados por séries, e com poucas relações entre si. Não sendo contextualizados esses conteúdos ficam à margem da realidade atual da ciência, do meio social e da formação humana e profissional dos futuros professores.

“Estudantes e professores, em contexto universitário ou escolar, pouco se envolvem em discussões sobre os fundamentos dos conteúdos do ensino, sobre os pensamentos que sustentam e justificam cada ensinado/aprendido na escola.” (MALDANER; et al., 2007, p.115)

Uma forma de superar essas barreiras e de inovar o currículo de ensino atual é criando materiais didáticos que rompam com a forma meramente disciplinar de organização do ensino, abordando temas que estejam inseridos na realidade dos alunos, da escola e do meio social onde vivem, como conteúdo de aprendizado acadêmico. Esses são alguns dos objetivos de uma Situação de Estudo (SE), que é uma:

“[...] orientação curricular cujo significado desejado e produzido envolve contextualização, inter e transdisciplinaridade, abordagens metodológicas diversificadas, orientações curriculares oficiais, conhecimentos prévios de estudantes e professores, tecnologia e sociedade, tradição escolar e acadêmica, múltiplas fontes de informação e, principalmente, compromisso com o estudo” (MALDANER; et al., 2007, p.111-112)

O conteúdo de uma SE deve focar a produção de um currículo que seja contextualizado, ambientando sua produção na própria escola. Isso porque estudos sobre situações concretas contextualizadas despertam a curiosidade, participação e empenho dos estudantes em conhecê-las sob vários pontos de vista e sob várias análises diferentes, permitindo construir os diversos conceitos científicos escolares sobre o tema abordado. Sua produção deve iniciar-se com a identificação de um contexto real e vivenciado pelos alunos e pela sociedade em que vivem, sendo rico conceitualmente para diversas áreas da ciência, tendo a capacidade de ser problematizado e tematizado como ponto principal de aprendizados acadêmicos que possam significar conteúdos, conceitos e temas escolares.

No nosso trabalho, desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, após uma análise de tais aspectos, chegou-se ao consenso de que abordaríamos o tema Drogas na escola, desenvolvendo um material didático (SE) sobre tal tema. O tema é de alta vivência para os alunos do ensino médio e um dos maiores problemas da sociedade atual. Ao trabalhar temas contextualizados, devemos levar em conta que os alunos chegam à escola com explicações próprias sobre esses temas e, como operações mentais, elas são sustentadas por conceitos produzidos nas interações sociais internalizadas, fazendo parte da sua estrutura mental. (MALDANER; et al., 2007, p.125). Mas, contudo, não importa se essas explicações e conceitos, que os alunos levam para a sala de aula, são muito diferentes dos científicos que a escola ensina, pois, ambos são importantes para o trabalho pedagógico. Como defende Vigostki, ambos são mutuamente enriquecidos (VIGOTSKI, 2001 apud MALDANER, 2007, p.125).

Essa vivência e esses conceitos trazidos para a sala de aula pelos alunos e professores é o que dinamiza e articula as relações do saber, dos conceitos, das explicações, significados e, posteriormente, os signos que são internalizados e resignificados pelos alunos conforme se organiza o conhecimento do cotidiano por meio do conhecimento científico (MALDANER; et al., 2007, p.122). Por isso, ao abordar uma SE em sala de aula, deve-se valorizar o diálogo e a interação de todos. Com isso, o estudante significa e internaliza, sistematicamente, os conhecimentos disciplinares reconstruindo seus conhecimentos e reconstruindo a si próprio, nas novas interações (MALDANER; et al., 2007, p.116). É importante também atentar ao aluno que o processo de construção do conhecimento vai além da investigação empírica pessoal. A linguagem da ciência não é uma cópia fiel do real e não será compreendida de forma direta pelo aluno, precisando ser intermediada pelo professor. A linguagem é o instrumento simbólico que o professor possui para introduzir o aluno na cultura científica.

Essa forma de construção do conhecimento permite que a formação básica cuide da constituição dos sujeitos, tornando-os autônomos em relação ao meio social, tecnológico e natural, com opiniões próprias e saber suficiente para que pensem e proponham ações em situações reais. No desenvolvimento de uma SE é importante que a reflexão epistemológica sobre a produção de uma ciência e sua validação esteja presente. (MALDANER; et al., 2007, p.130). Possuindo esses conceitos por meio da interação pedagógica, a própria experiência empírica do aluno começa a ter um novo sentido, uma nova compreensão por parte dele. Não quer dizer que os dados sensoriais captem de forma errada o real, apenas não compreendem as explicações que a ciência dá para tais experiências.

Ao dar ao aluno a possibilidade de interagir com a linguagem científica de forma a atribuir-lhe significados, ele se torna capaz de refletir e argumentar sobre o conteúdo,

anteriormente fraco de suporte científico e argumentado somente por conta das experiências do indivíduo por meio das interações interpessoais.

“[...] vivemos numa comunidade de comunicação que se constrói e evolui pela argumentação. Tanto o conhecimento cotidiano como o conhecimento científico avançam por meio de construções discursivas desenvolvidas no seio de comunidades que progridem graças aos processos argumentativos. No tecido social é praticamente impossível sobreviver sem a comunicação e a argumentação, pois a interação social caracteriza-se, basicamente, pela argumentatividade” (MORAES; et al., 2004, p.26)

Isso reforça o fato de que ao apresentar uma SE para os alunos, deve-se valorizar o que o aluno já sabe, no seu desenvolvimento concreto, e também valorizar a discussão e a argumentação dos alunos acerca dos subtemas que envolvem o tema como todo, seja nos aspectos científicos como nos aspectos sociais. O desenvolvimento dessa capacidade argumentativa do aluno contribui para qualificar seu papel na sociedade. E essa é uma das principais funções da SE: abordar um tema pertinente do contexto da sociedade com os conceitos científicos que o compõem de forma inter e transdisciplinar de forma a contribuir para a formação pessoal e social do aluno.

DESCRIÇÃO DAS AÇÕES

No final de 2014 um grupo de alunos bolsistas do PIBID/IQ/UFG desenvolveram um importante trabalho com alunos da escola parceira. O tema foi **Água e sua importância como regulador climático**. Na avaliação coletiva da experiência foi decidido repetir a metodologia de trabalho e depois de muitas ponderações foi proposto abordar o tema **Drogas**. Isto porque a venda e o uso de drogas é um fato e um problema nas escolas brasileiras, muitas vezes ignorado propositalmente por temor às consequências do seu enfrentamento. A proposta foi analisada, debatida e aceita pelo grupo e decidiu-se que, seguindo os pressupostos da SE seria elaborado um material didático diferenciado para ser trabalhado na escola, e que esse material não teria de ser “antiquado”, mas também não poderia incentivar o uso das drogas. Tratava-se de abordar um tema de alta vivência dos alunos de forma a contribuir com a formação científico-social dos mesmos.

No início, o trabalho parecia “travado”, pois os bolsistas não sabiam trabalhar em grupo nem estavam habituados a pensar no ensino a partir de contextos sociais. A professora coordenadora sugeriu subdividir o grupo em quatro subgrupos e dessa forma, cada subgrupo ficaria responsável por um subtema. Ficou decidido que as Drogas seriam abordadas sob os aspectos históricos, sociais, químicos e da legislação.

A partir dessa divisão de tarefas, o trabalho, que adquiriu caráter de pesquisa bibliográfica “começou a andar”, e os bolsistas começaram a entender de fato qual era o objetivo da atividade. Durante um ano de 2015 foram realizados 32 encontros -paralelos às atividades desenvolvidas na escola parceira sob a orientação da professora supervisora – nos quais cada subgrupo apresentava para os demais os resultados das suas pesquisas. Essas reuniões foram muito importantes, pois sempre surgiam dúvidas e sugestões para o aprimoramento do trabalho. Foi em um desses encontros que decidiu-se fazer uma aula experimental sobre os efeitos das drogas no organismo através da cultura de rúcula. Para a execução do experimento seria necessária uma quantidade de maconha, e ante as dificuldades de providenciar a droga por meio das autoridades competentes decidiu-se mudar de estratégia. Um dos bolsistas sugeriu que fosse feita a “máquina do fumo”(ChemCom, 1993, p. 460-462), com material de baixo custo e fácil acesso.

Um fato importante no andamento dos trabalhos foram os momentos de socialização do grupo. Onze pessoas – bolsistas, professora supervisora e professora coordenadora – reuniam-se periódica e sistematicamente. Nesses encontros ficava evidente que nem todos pensavam da mesma forma, que alguns tinham mais facilidade para trabalhar em grupo, outros preferiam trabalhar de forma individual. Houve um momento em que uma das bolsistas procurou a professora orientadora para expor suas dificuldades em trabalhar em equipe, e isso se tornou um obstáculo a ser superado, pois a dificuldade dela também era compartilhada por outros membros do grupo. Assim, os participantes do grupo que começaram “distantes e até perdidos”, ao término da produção do material didático, um texto de 64 páginas, estavam interagindo de forma amistosa e com entusiasmo, o que contribuiu para a aproximação afetiva de todos.

DIFICULDADE NA ESCRITA

A maior dificuldade de se escrever um texto autoral é o ato de começar a escrevê-lo! Mais ainda quando não se tem o hábito de escrever. Quando o grupo decidiu elaborar um material didático sobre o tema a ser abordado com os alunos, não tinha ideia da dimensão da dificuldade da escrita!

Cumprida a primeira tarefa de desenhar seu tema, ou eixo central, a espinha dorsal, de sua pesquisa, cabe agora ao pesquisador convocar uma específica comunidade de argumentação em que se efetive o unitário processo de interlocução e certificação social de saberes postos à discussão em cada tópico a ser desenvolvido. Tendo os assuntos definidos como requer uma pesquisa à diferença de possíveis outros escreveres, *conversar agora é preciso*. (MARQUES, 1997, p.98)

Organizar as ideias não é fácil e “coloca-las no papel” menos ainda. Mas se não as registrar no papel as ideias surgem e “desaparecem”. Escrever sem medo de errar é importante; pois é mais fácil organizar o que está escrito do que esperar que as ideias se organizem na mente. Em alguns dos subtemas que as drogas seriam abordadas a literatura científica é extensa, em outros não.

Outra dificuldade foi a de citar corretamente dados da literatura de acordo às normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e outras questões menores, mas igualmente importantes como padronizar a escrita, já que cada subgrupo ficou responsável pela escrita do conteúdo de um subtema. A inexperiência na escrita científica “pesou”. Foram diversos os erros e a insegurança para citar corretamente sem cometer plágio. Foi um processo importante de formação o vivido pelos bolsistas, mas o cronograma inicial, que previa finalizar o texto dois meses antes do ano letivo da escola parceira terminar, para assim poder desenvolver o trabalho em sala de aula, não pôde ser cumprido. Mas concordamos com Marques em que:

Importa, isto sim, buscar um ensino mais formativo, com maiores participações e empenho de alunos e professores, que compartilhem responsabilidades solidárias de investigação de temas que escolham como eixos da reconstrução de seus saberes (MARQUES, 1997, p. 133)

As fragilidades na escrita foram sendo superadas, embora não definitivamente, nas reuniões de discussões, através de leituras, vídeos, slides e em momentos de trabalho individual com a professora orientadora que discutia e corrigia os textos com cada subgrupo. E à medida que a escrita melhorava parecia que os próprios objetivos da proposta ficavam mais claros.

Ao se escrever um texto a várias mãos outra dificuldade é encontrada na tentativa de uniformizar estilos diferentes, porque o texto tem que ter certa uniformidade. Cada pessoa tem um jeito próprio de escrever e de expor as ideias, porém, ao estruturar um texto, escrito é preciso que ele tenha sentido, que tenha uma lógica interna de pensamento e não se apresente como uma “colcha de retalhos” de fragmentos de textos agrupados.

O pesquisador é como o arquiteto que pensa a casa ao estilo de seus futuros moradores, e a pensa na correlação de seus aposentos e neles dos móveis, ao mesmo passo que cercada de jardins e ruas enquadradas no plano da cidade. Sabe o arquiteto que os moradores se hão de afeiçoar/modelar aos móveis e aos aposentos, à vizinhança e ao plano da cidade numa série de sistemas inclusivos. (MARQUES, 1997, p. 118)

É necessário que o pesquisador/autor de texto busque harmonizar as partes e o todo de forma que o trabalho fique coeso e consistente, que as partes se conectem e façam sentido quando são lidas separadamente ou quando lidas dentro de todo o texto, sendo este o resultado desejado de um bom material.

É muito importante o professor em formação viver a experiência de preparar um material didático sobre drogas ou qualquer outro tema que esteja ligado aos jovens e participar de uma intervenção pedagógica organizada na universidade. A experiência é muito enriquecedora e com certeza é de grande importância para a carreira como profissional docente, pois dará mais segurança em fazer algo diferente na escola quando não for mais aluno acadêmico (ou/e bolsista PIBID), mas iniciante da carreira docente.

Embora o livro didático tenha sua importância reconhecida, ainda é visto como um instrumento do qual professores e alunos se apossam como o objetivo somente de obtenção de informações, possibilitando ao professor com dificuldades em sua formação inicial certo nível de segurança no desenvolvimento do seu trabalho. (ECHEVERRIA et al., 2015, p. 267)

O livro didático apresenta uma proposta, porém o professor não deve ter ele como única ferramenta de trabalho. É importante levar em consideração a realidade dos estudantes. Fechar os olhos para os problemas sociais não é a melhor opção, embora seja a mais fácil. Ter a possibilidade de elaborar coletivamente um material didático que seja um subsídio para cumprir o desafio de intervir na vida de jovens do ensino médio é, com certeza, um momento importante na formação inicial de professores.

DIFICULDADE NA ESCOLA

Durante a elaboração do material didático, ao ser discutida a forma de abordagem do tema em sala de aula a preocupação era não causar debates com os alunos que levassem a algum tipo de constrangimento e/ou desentendimento. O foco era abordar o tema de forma científica com uma linguagem acessível aos alunos, de forma que se sentissem à vontade para fazer qualquer pergunta relacionada ao tema e que isso não gerasse desconforto, discriminação ou vergonha. O intuito era que a apresentação do tema drogas de algum modo prevenisse os alunos do uso dessas substâncias e contribuísse para a tomada de decisões mais conscientes. Como apresentado por Ferreira (2010), sabe-se que os professores dos Ensinos Fundamental e Médio são considerados agentes da prevenção por serem potencialmente importantes veículos de formação e de informação sobre as drogas (FERREIRA et al, 2010, p. 551-562).

Partindo do pressuposto que a abordagem do tema na escola não seria fácil (os “pibidianos” tinham certa apreensão quanto à apresentação na escola), pois poderia ter ali até vendedores do entorpecente ao qual estávamos tentando colocar “em xeque” o grupo decidiu fazer uma apresentação prévia no 12º Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão – CONPEEX da UFG para um público adulto em um ambiente completamente diferente da escola e no qual foi possível identificar algumas falhas e fazer alguns ajustes no trabalho. É importante ressaltar que durante a apresentação no CONPEEX, numa sala totalmente lotada, houve participantes que entraram em debate, principalmente no momento de abordar os aspectos sociais e da legislação. Esses participantes apresentaram pontos de vista e ideias contrárias ao que havia sido apresentado pelos “pibidianos”. Diante do ocorrido, e principalmente pelo fato de a escola onde o projeto iria ser desenvolvido ter sido “militarizada” pelo governo do Estado de Goiás, não seria oportuno debater sobre a função, bem ou mal exercida, do policial militar no momento da apreensão, onde cabe ao mesmo definir se o indivíduo é usuário ou traficante. Tampouco nos pareceu oportuno polemizar, numa escola “militarizada”, sobre a forma que a Polícia Militar discrimina determinados grupos de jovens. Por esses motivos alguns slides foram excluídos.

Tinha-se pensando iniciar as aulas com uma música, relacionada ao tema em debate, executada por uma banda, mas a “tensão” gerada pela situação fez o grupo decidir iniciar o tema com o histórico das drogas, de forma interativa, com imagens e associações a fatos históricos.

Durante a etapa de abordar o tema em sala de aula os alunos da escola se apresentaram interessados e faziam perguntas, se divertiram com as imagens e histórias apresentadas durante a apresentação de cada slide. É importante ressaltar que houve uma preocupação em não falar com detalhes sobre os processos de fabricação das drogas, mesmo estes sendo uma parte associada à química. Essa aula inicial foi realizada com a presença de duas turmas numa sala sem climatização que ficou lotada, e apesar do calor os alunos permaneceram em sala durante o período de 1 hora e trinta minutos.

Na outra semana, após a abordagem do histórico das drogas, foi apresentada a parte química, mas numa forma de abordagem diferente. O intuito foi falar sobre a ação das drogas no sistema nervoso central (SNC), explicando, por exemplo, como a molécula de Tetrahydrocannabinol (THC), principal componente da maconha, reage no SNC e seus malefícios. Isso demandou um esforço especial dos “pibidianos” porque essa abordagem demandava conhecimentos sobre bioquímica dos quais foi necessário se apropriar. Esse foi um momento importante da aula e o grupo conclui, na avaliação da intervenção pedagógica feita posteriormente, que o objetivo foi atingido, pois, foram expostos os malefícios das substâncias de forma científica e os alunos fizeram várias perguntas sem se sentir constrangidos ou julgados pelos ali presentes. Isto só foi possível porque durante a abordagem do tema falou-se de forma aberta sobre os imensos males que as drogas causam apresentando exemplos e imagens. Ficou claro para os “pibidianos” que os alunos tinham conhecimento sobre as sensações que as drogas produzem, mas não possuíam conhecimento científico de seus malefícios. Isso fez refletir sobre o papel da escola em prevenir sobre os efeitos da utilização das drogas. Como Sodelli (2010):

...entendemos o entrelaçamento da prevenção primária ao uso de drogas com a abordagem de redução de danos e, mais especificamente, no âmbito escolar, a possibilidade da construção permanente de uma rede cuidadora entre o professor e o aluno (SODELLI, 2010, p. 643).

Na semana seguinte foram apresentados os aspectos sociais e legais das drogas. Houve uma preocupação do grupo para não abordar o fato da desestruturação familiar como um desencadeador do uso de drogas. Isto porque a droga é um problema que afeta as famílias de forma geral, não somente às desestruturadas, e infelizmente em nosso país é recorrente que jovens de desfavorecidas e afrodescendentes serem taxados pela sociedade como usuários ou assaltantes. Durante a discussão desse tema foi apresentado um vídeo com um pequeno relato de um rapaz negro morador de uma favela no Rio de Janeiro que foi preso por portar famílias economicamente maconha para o seu consumo. Durante esta apresentação os alunos ficaram muito concentrados e o silêncio da sala confirmava o consentimento dos alunos em relação à injustiça social presente em nossa sociedade. Este vídeo foi utilizado também para apresentar aos alunos a parte da legislação já que este jovem foi julgado pelo policial que o abordou como traficante mesmo ele se assumindo como usuário.

Ao término das apresentações para ilustrar alguns dos malefícios ocasionados pelo consumo de drogas realizou-se o experimento da “máquina que fuma”. Trata-se de uma garrafa pet que por diferença de pressão “fuma” um cigarro inteiro. Este material foi confeccionado pelo grupo para exemplificar o que ocorre com o pulmão quando uma pessoa fuma. Os discentes se mostraram surpresos, assustados com a quantidade de substâncias depositadas na garrafa.

Sobre as dificuldades em sala de aula concluiu-se, em avaliação coletiva posterior, que a maior dificuldade foi a de tomar precauções com as expressões usadas durante a apresentação e a forma de tratar alguns temas, pois em relação à professora supervisora o grupo teve total apoio e colaboração.

AUTO AVALIAÇÃO DO GRUPO

Todo o processo de idealização, realização e implementação da proposta pedagógica foi objeto de pesquisa de Iniciação Científica de uma das integrantes do grupo. Por esse motivo, ao final do processo um questionário de nove perguntas foi aplicado a todos os alunos “pibidianos” participantes. A totalidade (de forma geral), dos participantes se consideraram muito envolvidos com o projeto e alguns mencionaram que a participação “foi tão produtiva que o conhecimento ficou muito mais abrangente após todas as pesquisas realizadas”. Perguntados sobre a importância de sair dos esquemas tradicionais de ensino de química e tratar o tema Drogas junto aos alunos do ensino médio, todos consideraram muito importante porque “os alunos estão muito vulneráveis, e entrar para o mundo das drogas é muito fácil. A escola precisa investir em atividades que ajudem a informa-los sobre os perigos e consequências do uso de drogas”. Os “pibidianos” foram unânimes em reconhecer a importância do professor em formação aprender a elaborar seu próprio material didático e ao mesmo tempo a grande dificuldade em fazê-lo, especialmente de fazer pesquisa bibliográfica e exercitar a escrita científica. O depoimento a seguir é muito significativo:

Minha maior dificuldade foi na escrita, pois foi nesse momento que percebi o quanto sou ignorante na arte de escrever. Tenho pouca gramática, mas como diz a professora coordenadora: “É escrevendo que se aprende a escrever”. Aprendi muito nesse projeto! E acho que ainda tenho muito o que aprender!

Outra pergunta versava sobre o projeto ter alcançado o objetivo inicial de abordar, nos moldes de uma SE, o tema Drogas utilizando um material didático elaborado pelo próprio grupo. As respostas a esta pergunta foram diversificadas. 43 % dos alunos disseram que o objetivo do projeto foi plenamente alcançado. Entretanto 57

% consideraram que o objetivo foi alcançado parcialmente considerando que a forma de apresentação do tema no ambiente escolar não possibilitou o diálogo mais profícuo com os alunos conforme proposto pela Situação de Estudo. Mas é importante observar que duas greves, uma dos professores da UFG e outra dos professores da Rede Estadual de Ensino do Estado de Goiás, prejudicaram o cumprimento do cronograma inicial que previa mais aulas na escola.

CONCLUSÕES

Infelizmente, no momento de finalização da escrita deste texto, o Programa de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID está sofrendo um terrível desmonte e as perspectivas não são boas. Os autores deste texto entendem que justamente num momento como este é importante pontuar, em forma de conclusões, a grande contribuição do PIBID na formação inicial de professores. Entre as mais significativas conclusões às quais o grupo chegou no final do processo podem-se citar: a importância crucial que a pesquisa tem na formação inicial de professores, a importância da aproximação universidade/escola para a execução de projetos pedagógicos, a necessidade de que o professor em formação supere as dificuldades de escrever, de fazer pesquisa bibliográfica, de trabalhar em equipe, de tentar superar a forma fragmentada e linear de ensinar os conteúdos científicos em sala de aula. A experiência mostrou, também, e isso é um importante elemento de metareflexão para os formadores de professores, que muitas das dificuldades vivenciadas na experiência aqui relatada são, em parte, resultado de uma concepção de formação de professores na qual ainda persistem ideias simplistas sobre essa formação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ChemCom – Chemistry in the Community. A Project of the American Chemical Society.** Iowa: Kendall/Hunt Publishing Company, 1993, p. 460-462.
- ECHEVERRÍA, A. R.; MELLO, I. C. de; GAUCHE, R. **Livro Didático: Análise e utilização no Ensino de Química.** In: SANTOS, W. L. P. dos; MALDANER, O. A. (Orgs). **Ensino de Química em Foco.** Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2010, p. 267.
- FERREIRA, T. C. D., SANCHEZ, Z. V. D. M., RIBEIRO, L. A., OLIVEIRA, L. G. D., & NAPPO, S. A. **Percepções e atitudes de professores de escolas públicas e privadas perante o tema drogas. Interface-Comunicação, Saúde, Educação.** 2010, 14(34), 551-562.
- MALDANER, O. A., ZANON, L. B., BAZZAN, A. C.; DRIEMEYER, P. R.; PRADO, M. C.; LAUXEN, M. T. C. **Currículo Contextualizado na Área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias: a Situação de Estudo.** In: MALDANER, O. A.; ZANON, L. B. (Orgs.). **Fundamentos e propostas de ensino de química para a educação básica no Brasil.** Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2007.
- MARQUES, M. O. **Escrever é preciso. O princípio da pesquisa.** Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1997.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M. do C.; RAMOS, M. G. **Pesquisa em sala de aula: fundamentos e pressupostos.** In: MORAES, R. de; LIMA, V. M. do R. (Orgs.). **Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos.** 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- SODELLI, M. **A abordagem proibicionista em desconstrução: compreensão fenomenológica existencial do uso de drogas.** *Ciência & Saúde Coletiva*, 2010, v. 15, n. 3, p. 637-644.